

Antônio de Souza Netto e David Martins Canabarro: perspectivas de estudo a partir de dois farroupilhas após 1845.

MATHEUS LUÍS DA SILVA*

MARIA MEDIANEIRA PADOIN**

Introdução

No ano de 1836 a Província do Rio Grande de São Pedro, território ao extremo sul do Império do Brasil, declarou sua independência política constituindo-se numa república: a República Riograndense. Já em guerra civil desde 1835, os farroupilhas sob o comando do então Coronel da Guarda Nacional Antônio de Souza Netto, proclamaram a independência que durou quase nove anos.

Em 1845 os mesmo farroupilhas, comandados pelo então general da República David Martins Canabarro, negociaram o tratado de paz com o Império do Brasil, selando o fim da Guerra Civil e a extinção da jovem República. Os farroupilhas não conseguiram vencer, mas tampouco perderam a guerra. Após o fim do conflito suas lideranças foram anistiadas e o acordo de Paz previu o pagamento das dívidas da República pelo Império.

Suas lideranças não só foram anistiadas, como também muitas delas permaneceram no centro do poder. David Canabarro, por exemplo, se tornou comandante da fronteira, responsável por guardar as fronteiras do Império contra o qual havia lutado. Estas questões de enfrentamento ao Império do Brasil e de defesa e inserção dessas lideranças nesse mesmo Império após o conflito, em um primeiro momento nos parecem contraditórias e é a partir disso que surge o interesse na temática que nos propomos estudar aqui: como a historiografia trabalha as lideranças farroupilhas enquanto opositoras ao Império do Brasil e como líderes da fronteira em defesa deste mesmo Império - especialmente Antônio de Souza Netto e David Canabarro? Tal pergunta se faz necessária para que possamos iniciar uma melhor compreensão do complexo processo da configuração das relações de poder durante e pós

* Mestrando do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Bacharel e Licenciado em História pela UFSM, Bolsista CAPES.

** Professora do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federam de Santa Maria, Doutora em História.

Revolução Farroupilha, levando em consideração que este “fato” e espaço geográfico fronteiriço histórico são variáveis do contexto de construção e consolidação dos estados nacionais no século XIX, que acreditamos estar diretamente relacionado à hipótese das questões postas.

Antônio de Souza Neto e David Canabarro foram dois personagens que exerceram liderança político-militar, mas que assumiram posicionamentos distintos durante o movimento armado conhecido como Revolução Farroupilha (1835 – 1845). Esses personagens também estão bastante ligados com a questão fronteiriça do Império no pós 1845. É importante enfatizar que grande parte do trabalho historiográfico não contempla a atuação de tais personagens após 1845. Entretanto sabemos que eles participaram de diversos conflitos militares lutando ao lado do Império, tanto anterior quanto posteriormente à Farroupilha, como na Guerra do Paraguai (1864 – 1870), período que ambos morreram. Nesse sentido podemos observar em nossas pesquisas que mesmo tendo lutado contra o Império, esses líderes militares mantiveram importância política e militar.

É relevante salientar que esses personagens pertenciam a grupos políticos distintos na Revolução Farroupilha. Conforme Padoin (2001) houve uma importante divisão dentro do grupo dos farroupilhas. O grupo da maioria, encabeçado por Bento Gonçalves, Antônio de Souza Neto, Mariano de Matos, Domingos José de Almeida, entre outros defendiam a independência da Província perante o Império do Brasil, propondo um federalismo enquanto Confederação para com o Império. Já o grupo da minoria que tinha como lideranças David Canabarro, Vicente da Fontoura, entre outros, propunha um federalismo enquanto uma descentralização administrativa do Império. Foi esse grupo, o da minoria, responsável pelas tratativas de paz que culminaram na Paz de Ponche Verde (1845).

De certa maneira nos propomos realizar uma pequena análise biográfica sobre esses personagens tendo construído nossa perspectiva a partir do entendimento que esse gênero tem experimentado vinculando-o à história política.

Este estudo foi realizado vinculado ao projeto de pesquisa “Os farroupilhas no contexto do processo de formação e consolidação dos estados nacionais no espaço fronteiriço platino” em que recebemos bolsa PROBIC/FAPERGS. Também é vinculado ao Grupo de Pesquisa “História Platina: Sociedade, Poder e Instituições” CNPq/UFSM, e teve apoio do

CNPq através de edital de financiamento à pesquisa Edital 002/2010 – Humanidades. Ele também foi relevante para a construção do projeto de pesquisa “Trajetória e atuação político-militar de Antônio de Souza Neto” que está sendo desenvolvido desde março de 2013 no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, na Linha de Pesquisa “Integração, Política e Fronteira” com Bolsa de Mestrado CAPES.

Neste artigo trabalharemos especificamente com as informações obtidas através do estudo tanto da documentação como das obras históricas que tratam dos personagens que estudamos, confrontando-as e averiguando as brechas e questões ainda não trabalhadas ou aprofundadas, e que merecem a continuidade dos estudos.

Nesta etapa a pesquisa foi realizada a partir da coleta de dados em fontes bibliográficas, destacando estudos recentes e confrontação com alguns documentos históricos da Coleção Varela, do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul (AHRGS), do fundo “Autoridades Militares” do AHRGS e do “Processo dos Farrapos” do Arquivo Nacional do Rio de Janeiro.

David Canabarro

David Canabarro nasceu em 1796, nas proximidades de Taquari e era descendente de açorianos. Seu nome de nascimento era David Martins e as condições que o levaram a assinar “Canabarro” ainda não são comprovadas, possivelmente porque possuía um sócio chamado Antônio Ferreira Canabarro¹.

David Canabarro representa uma figura da elite farroupilha que teve muita relevância depois de 1845, pois esteve bastante ligada a política do Império. Nomeado General pela República Riograndense, Canabarro foi o responsável pelas tratativas de paz com o Império, que obtiveram sucesso e culminaram com a Paz de Ponche Verde em 1845. Manteve-se vivendo no Rio Grande do Sul e se incorporou as forças imperiais depois de pacificada a Província no mesmo ano de 1845.

É bastante conhecido pelo episódio da Batalha de Porongos, onde o corpo de lanceiros negros foi dizimado, sob a acusação de saber do ataque e de facilitá-lo, uma vez que a questão

¹ Essa versão é defendida por Moreira Bento (1992) e também por Othelo Rosa (1935).

dos negros era um dos pontos complicados para a pacificação da Província, já que a abolição da escravatura representava um risco para o sistema escravocrata do Império. Canabarro ascende rapidamente como uma figura importante entre os chefes militares farrapos:

Canabarro, figura ainda secundária na luta política, cuja oposição era chefiada por Antonio Vicente da Fontoura, sentia dia a dia crescer ascendente sobre os demais chefes militares a ponto de ver seu nome indicado para substituir o de Bento Gonçalves na presidência da República. (REICHARDT, 1934, p. 96)

Canabarro também é citado por Laytano (1983) e Moreira Bento (1992), ao pretenderem escrever que o movimento farroupilha não era separatista como no seguinte caso contado por Laytano (1983, p.35):

O ditador Rosas, da Argentina, mandou uma proposta a Canabarro, que consistia em enviar reforço argentino para o Rio Grande do Sul e ajudar os farroupilhas a combaterem os efetivos brasileiros a serviço da Monarquia

Ao qual Canabarro teria respondido:

O primeiro de vossos soldados que transpuser a fronteira, fornecerá o sangue com que assinaremos a Paz de Piratini com os imperiais, por cima de nosso amor à República está o nosso brio de brasileiros. Quisemos ontem a separação de nossa pátria, hoje almejamos a sua integridade. Vossos homens, se ousassem invadir nosso país, encontrariam ombro a ombro, os republicanos de Piratini e os monarquistas do Sr. D. Pedro II. (Apud LAYTANO, 1983. p 35)

Este é um episódio, que pode inclusive ser mítico, pois não encontramos referências documentais. Não sabemos sua autenticidade e não é nossa intenção descobrir, o que parece interessante notar é que em sua proclamação na Paz de Ponche Verde apontava para “um poder estranho” que poderia ser tanto o ideário separatista de parte da elite farroupilha como um poder externo, Canabarro dizia na proclamação entre outras coisas:

[...] Um poder estranho ameaça a integridade do Império; e tão estólida ousadia jamais deixaria de ecoar em nossos corações brasileiros. O Rio Grande não será o teatro de suas iniquidades, nós partilharemos a glória de sacrificar os ressentimentos criados no furor dos partidos, ao bem geral do Brasil. (MOREIRA BENTO, 1992. p 134)

Assim, Canabarro pode ser entendido mais facilmente nas linhas de frente das lutas do Império do que Neto, por exemplo, que teria atitudes mais realçadas em nome do republicanismo. Ao lado do Império, Canabarro passou a exercer importante papel:

[...] comandando uma divisão de cavalaria, na guerra contra Rosas. E em 1865, sem embargo da velhice que sobre ele pesava, defendeu nobremente o Brasil, na invasão

Paraguaya, até a rendição de Uruguayana, sendo victima ahi, da injustiça clamorosa de um conselho de guerra, onde apresentou defesa tão convincente de sua acção militar, que os seus levianos accusadores julgaram melhor que um perptuo silencio caisse sobre o libello...

Ao pundonoroso guerreiro doeu fundo a iniquidade; e amargurado por ella David Canabarro morreu, na fazenda de São Gregorio , em Sant'Anna do Livramento, em 12 de abril de 1867. (ROSA, 1935. p. 64)

Pelos relatos destes autores, Canabarro aparece como um personagem “incompreendido” tanto pelo grupo da maioria dos farroupilhas, como posteriormente pelas forças legalistas do Império:

Na hora da victoria, estava de todo esquecido o velho soldado, cheio de serviços á pátria, e que havia, com seu tino e a sua argucia, assegurado o bom exito das armas brasileiras. Nove dias depois lembraram-se delle: o ministro da guerra mandava submettel-o á conselho de investigação! Foi a ultima recompensa ao brioso lidador, que em 12 de abril de 1867 levava para a sepultura o travo de uma das mais graves e fundas injustiças praticadas no Brasil. (ROSA, 1935. p. 73)

Observa-se a preocupação dos autores em revalorizar a figura de Canabarro enquanto um herói nacional e não separatista.

Canabarro esteve incorporado ao Império e na defesa de suas fronteiras lutando na Guerra contra Rosas e Oribe (1851-1852) e na Guerra do Paraguai (1864-1870), sendo considerado nessa última, como o principal responsável por alistar os farroupilhas para o esforço de guerra.

Contra Oribe e Rosas foi um dos auxiliares de Duque de Caxias, no comando das operações. Em 1851, Canabarro era comandante da Guarda Nacional e Comandante da Fronteira de Quarai. Recebia ordens diretas do então Conde de Caxias, Presidente da Província e General em Chefe do exército Imperial e organizava os contatos com o General em Chefe do Exército Uruguaio e outros comandantes brasileiros:

[...] Nesta data faço seguir o Senhor Tenente Coronel José Francisco de Almeida a ocupar as pontas arapeus e ordenei ao Capitão Hipólito Cardoso para reunir-se com o Tenente Coronel que passa com um esquadrão para ali fazerem a vanguarda da Divisão que, segundo as ordens do Excelentíssimo Conde de Caxias, descerei logo que esteja com a força a meu mando armada, hei ocupar a ponta dos arapeus onde me conservarei alguns dias, e combinar-se-á com Vossas Senhorias melhor meio de operar. Deus Guarde Vossa Excelência. Quartel do Comando superior da Guarda Nacional e Fronteira de Quarai. Fazendo de São Gregório [?], 2 de Agosto de 1851.

Ao Senhor General Eugenio Garzon. Comandante das Forças em operação no Estado Oriental. [Assina David Canabarro]²

Esta carta evidencia dois grandes pontos da relevância político militar de David Canabarro. Ele foi nomeado chefe da fronteira e coordenou, sob as ordens de Caxias, a guerra contra Oribe e Rosas.

Pesquisas recentes e em andamento³ apontam que Canabarro teve grande relevância no cenário político do Império, principalmente após 1850, tendo exercido grande influência no poder local, como nas eleições na a região de Alegrete.

Aliás, sobre essa temática, novos estudos tem comprovado como os comandantes militares regionais eram importantes para garantir a eleição de deputados, que em troca atendiam as demandas dos comandantes locais, num complexo sistema de rede de relações sociais e de poder do Brasil Império⁴.

Canabarro não só esteve no centro do poder após a Revolução Farroupilha, como foi um dos principais articuladores do Partido Liberal na fronteira sul-rio-grandense. Através de sua influencia como comandante da Fronteira e da Guarda Nacional, Paniagua (2012) chega a dizer que “verificamos que a Guerra do Paraguai foi potencializada por ele [Canabarro] que a utilizou como instrumento de luta política contra os irmãos Ribeiro de Almeida” (PANIAGUA, 2012, p. 359) nas disputas do poder regional-fronteiriço.

Este autor também enfatiza o trabalho de Canabarro para se manter no poder, o conflito com a família dos Ribeiro de Almeida, as estratégias para conseguir pleitear reivindicações com o governo da Província e o governo imperial, através do deputado que ele apoiava, entre outras questões referentes ao período de 1850 até 1866 quando Canabarro morre.

Aqui uma perspectiva que gostaríamos de apontar, ao se iniciar a Revolução Farroupilha, em 1835, Canabarro não possui posto de comando na Guarda Nacional. Era um estancieiro da fronteira, militar, mas ainda não havia chegado a nenhum posto de comando. Aqui cabe perguntar se a Revolução Farroupilha não serviu para inserir Canabarro como uma

² Documento extraído do “Archivo General de La Nación. Caja 42, carpeta 4”, Montevideu, Uruguai. Transcrição parcial.

³ Aqui referimo-nos principalmente ao trabalho de Paniagua (2012).

⁴ Para informações mais detalhadas aconselhamos a leitura de Fertig (2010), Vargas (2010) e Paniagua (2012).

figura forte do contexto político-militar sul-rio-grandense, pois com o fim da guerra em 1845, logo ele assumiu o comando da fronteira Oeste, posto que ocupou até o fim da vida, com exceção de alguns meses em que seria afastado em 1865 sob a acusação de facilitar a entrada dos paraguaios em territórios da Província, retornando em 1866, mas vindo a falecer alguns meses depois.

O trabalho de Paniagua (2012) tem esclarecido diversos pontos sobre a trajetória e a atuação político militar de Canabarro no período posterior a farroupilha, representando importantes contribuições para o entendimento da dinâmica política no Brasil Imperial e também das relações na região fronteiriça platina.

Antônio de Souza Neto.

Antônio de Souza Neto, segundo alguns autores⁵, nasceu na estância paterna, em Capão Seco, distrito de Povo Novo, na atual cidade de Rio Grande. Era filho de José de Souza Neto, natural de Esteio e Teutônia Bueno, natural de Vacaria. Seus avôs paternos eram Francisco Souza, natural de Colônia do Sacramento e Ana Maria, natural de Açores. Seus avôs maternos eram Salvador Bueno da Fonseca (estancieiro em Vacaria) e Ignácia Antônia de Araújo Rocha, ambos naturais de Itu em São Paulo.⁶

Estudou na Freguesia de São Francisco de Paula (atual Pelotas) junto com seus irmãos Rafael e Domingos Neto, conforme nos diz Rosa (1935). Já adulto mudou-se para Bagé, onde se tornou estancieiro, criador de gado e cavalos. Logo após a incorporação da Província Cisplatina pelo Império Brasileiro, foi residir em terras onde hoje se localiza o Uruguai. Na guerra Cisplatina (1825-1828), foi nomeado Capitão de Milícia e encarregado da defesa da fronteira. Com a criação da Guarda Nacional (1831) passou a ser Coronel de Legião da Guarda Nacional de Bagé. Alguns autores observam que ao iniciar o movimento de 1835, Neto era Comandante do Corpo da Guarda Nacional de Piratini, que era composto por

⁵ Referimos-nos aqui aos trabalhos de Othelo Rosa (1935), Claudio Moreira Bento (1992) e Dante de Laytano (1983) principalmente, além de também terem sido relevantes os trabalhos de Cesar Augusto Guazzelli (2009) e Maria Medianeira Padoin (2001).

⁶ Essas informações são uma síntese das informações encontradas em Moreira Bento (1992), Laytano (1983) e Rosa (1935).

recrutas de Piratini, Canguçu, Cerrito (Vila Freire atual), Bagé até Pirai, todos esses locais eram distritos pertencentes à vila de Piratini (criada por decreto imperial em 1830).

Neto foi considerado como o segundo homem em importância, dentro da República Riograndense pelos autores Laytano (1983) e Moreira Bento (1992). Esses autores consideram que Neto teve uma brilhante carreira militar, alcançando o posto de Coronel da Legião da Guarda Nacional de Piratini, legião esta que foi convertida, durante a Revolução Farroupilha, em Brigada Liberal.

Proclamador da República Riograndense, Neto atuou na Revolução Farroupilha desde seu primeiro momento até seu último instante. Comandou o Exército Farrapo e foi o responsável pelo cerco à cidade de Porto Alegre (1836 a 1838)⁷, sem poder tomá-la definitivamente para os farroupilhas. Com o fim da guerra civil Neto foi morar no Uruguai, naquilo que alguns autores chamam de “autoexílio”.

Neste ponto é importante observar que a República Oriental do Uruguai, enquanto “Banda Oriental” (em referência a posição geográfica que o território ocupa em relação ao Rio da Prata), bem como grande parte do território da Província do Rio Grande de São Pedro, era disputada pelas Coroas Ibéricas e posteriormente pelos novos estados que se formaram na região. Buenos Aires aspirava incorporar aos seus domínios esses e outros territórios para consolidar as “Províncias Unidas do Rio da Prata” conforme a configuração do antigo “Vice Reino do Rio da Prata” espanhol. Portugal (e posteriormente o Império Brasileiro) considerava o território estratégico para a garantia do seu domínio também na Região Platina.

Assim, entre 1825 e 1827, Brasil e Províncias Unidas do Rio da Prata se enfrentaram buscando incorporar definitivamente o território, enquanto parte da elite local buscava a independência. O final do conflito resultou na criação da República Oriental do Uruguai em 1828. No entanto a criação do novo estado não interferiu no fato de que brasileiros tivessem negócios, relações e terras na região oriental. Grande parte da terra e do gado estava em posse de brasileiros.

Em 1851 a situação se agravou ainda mais para os uruguaios, em disputas internas desde 1839 (Guerra Grande 1839 – 1851). Para conseguir terminar com a Guerra Grande, o

⁷ Porto Alegre era a capital da província para o Império e com o início da rebelião em 20 de setembro de 1835, foi tomada pelos farroupilhas. Ficou sob comando farroupilha até 15 de junho de 1836 quando os imperiais reconquistaram a cidade. Houve três cercos farroupilhas importantes que não obtiveram sucesso e Porto Alegre foi designada pelo imperador como “Mui Leal e Valorosa”.

governo de Montevideu solicitou ajuda ao Império Brasileiro para vencer Oribe, que tinha o apoio de Rosas (caudilho bonaerense), e tinha em sua política uma visão nacionalista de combate às elites estrangeiras que dominavam o país e, logicamente, nisso se incluíam os estancieiros brasileiros. Com a intervenção, o Império definiu praticamente uma tutoria sobre o estado uruguaio ao mesmo tempo em que defendeu os interesses dos estancieiros brasileiros radicados nesse território.

Em troca do auxílio o Império obrigou o governo de Montevideu a assinar cinco tratados: o de Aliança autorizava o Império a intervir, militarmente se necessário, nos assuntos internos dos uruguaios; o de Extradicação obrigava o Uruguai a devolver os escravos que fugissem para a região e não aceitava a abolição uruguaia, podendo os estancieiros brasileiros ter escravos em suas terras no Uruguai; o tratado de Socorros determinava um pagamento mensal, por parte do Império, ao governo da República Oriental para auxiliar com os custos da administração, a situação econômica uruguaia era tão precária que os republicanos não estavam em condição de negá-la; o Tratado de Comércio e Navegação convertia o Uruguai praticamente numa “reserva de gado” para o Império, em consequência para os estancieiros da Província do Rio Grande, pois se retirou o imposto sobre o transporte ou a venda de gado; e, por fim, o Tratado de Limites que estabeleceu os limites entre Império e República Oriental, estabelecendo a fronteira norte do Uruguai no rio Quaraí, ficando o Império com posse total sobre a Laguna Mirim e o rio Jaguarão fazendo com que o Uruguai perdesse definitivamente imensos territórios em disputa⁸.

Além de garantir a segurança do território, o Império também beneficiou milhares de brasileiros residentes no Uruguai e esse também parece ser o caso de Antônio de Souza Neto do qual falaremos mais a seguir. Segundo Moreira Bento (1992):

Homem feito foi estabelecer-se em Bagé, fundada em 1811-12 por D. Diogo de Souza, **depois no atual Uruguai quando este foi incorporado ao Brasil com o nome de Província Cisplatina de 1821-1828**. Nesta época, em Bagé estabeleceu-se com estância. Dedicou-se à compra e venda de gado e a seu *hobby*, a criação de cavalos para corridas (ou parilheiros para cancha reta). Como comerciante, criador de gado e desportista (carreirista), **percorreu o Rio Grande e o Uruguai atuais, onde estabeleceu largo círculo de amizades e despertou admiração.**⁹

⁸ Para mais informações consultar Frega (2009). Sobre o tratado de limites indicamos Golin (2004).

⁹ Negrito nosso.

Com esses indícios e os tratados entre o Estado Oriental e o Império Brasileiro, não é possível afirmar que Neto se “auto-exila” em território Oriental. Ao que tudo indica, com o fim da Revolução Farroupilha, Neto retorna ao Uruguai por possuir relações nessa região.

Por vezes essas descrições apresentam ainda o fato de que Neto lutou na Guerra do Paraguai a favor do Império do Brasil, foi nomeado Brigadeiro Honorário do Império e que abriu mão de seus vencimentos na Guerra do Paraguai. A grande questão é que entre os anos de 1845 e 1866, período em que finda a Revolução Farroupilha até o período em que Neto morre em Corrientes, respectivamente, existe pouca ou quase nenhuma reflexão sobre seu papel político militar.

Sabemos que Antônio de Souza Neto identificou-se política e ideologicamente com o “grupo da maioria” dos Farroupilhas¹⁰. Esse grupo teve preponderância nas decisões sobre a guerra até meados de 1842, quando o grupo da minoria acende politicamente e vários integrantes da maioria, entre eles Antônio de Souza Neto e Bento Gonçalves, foram contestados quanto lideranças políticas. Isso ocorreu devido aos constantes fracassos militares que a República sofreu e as dificuldades de manutenção da guerra, bem como aos desentendimentos durante a Assembleia Constituinte de dezembro de 1842.¹¹

Após o fim da República Riograndense, a historiografia deixa de se preocupar com Antônio de Souza Neto. Quando encontramos citações relacionadas com ele, elas são por vezes contraditórias. Por exemplo, sobre ter ou não participado da guerra contra Oribe e Rosas: Dante de Laytano (1983) nos afirma que Neto participou da guerra contra Oribe e Rosas (1851-1852) e nessa oportunidade fora elevado a Brigadeiro Honorário do Imperial

¹⁰ Como já foi dito, os farroupilhas se dividiram em dois grupos: O grupo da “maioria” composto por Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto e o grupo da “minoridade” composto por Antônio Vicente da Fontoura, David Canabarro entre outros. Entres as diferenças dos dois grupos, segundo PADOIN (2001) estava a relação do projeto que propunham para a região: “Bento Gonçalves da Silva e seu grupo (...) propunha um projeto de um ‘novo Estado’, ou seja, um Estado soberano, independente e republicano – a República Rio-grandense, admitindo federarem-se ao Brasil, desde que a condição de República Federal fosse mantida. (...) Já o grupo da minoria, representado por Antônio Vicente da Fontoura e David Canabarro, pregava a federação mas que o Rio Grande do Sul continuasse na condição de província (...), pois para a minoria, mesmo com a instalação da República Rio-grandense, o Rio Grande do Sul era definido como sendo província e não Estado, no qual os laços da Monarquia Imperial deveriam garantir unidade, uma maior autonomia administrativa e uma participação direta desse grupo no poder provincial. Assim pretendiam uma reforma na organização administrativa do Estado Imperial, bem como participar diretamente do poder político representativo provincial.” (p. 131 – 132)

¹¹ Para Moreira Bento (1992) a mudança dos postos de comandos da Revolução se deu em função da dificuldade de manutenção da guerra. Já Padoin (2001) nos explica a complexidade das disputas político-ideológicas que culminaram com os desentendimentos durante a Assembleia Constituinte de 1842.

Exército Brasileiro. Moreira Bento (1992) diz, no entanto, que Neto jamais participara da Guerra contra Oribe e Rosas:

Na guerra contra Oribe e Rosas 1851 – 1852, não participou, pois, segundo Wiedersphan, “viviu no Uruguai, suspeito e espiado pelo Império”, para onde recolheu-se embora signatário da Paz de Ponche Verde. (MOREIRA BENTO, 1992. p 105)

Sobre a participação ou não nessa guerra falaremos mais adiante, mas é interessante notar que Moreira Bento (1992) ainda afirma em seu livro que Neto era um líder natural dos brasileiros que viviam no Uruguai, assinalando importância política no período embora para ele, Neto parecesse uma liderança perigosa para o Império. Fica claro que esse personagem vai seguir tendo atuação política, principalmente como líder dos brasileiros no Uruguai.

Na documentação que pesquisamos, pudemos ter acesso a interessantes documentos como a carta em que Neto aceita o posto de Brigadeiro do Exército Brasileiro:

Esta em meu poder o officio que V.Ex^a se dignou enviar-me a 18 de Maio, communicando ser o Ex^o Sr. Ministro da Guerra, em aviso de 19 de Abril, participando a essa Presidencia que Sua Majestade o Imperador houve por bem por Decreto do mesmo mês e igual anno, conceder-me as honras do Posto de Brigadeiro e uso dos competentes distintivos. Apreciando como he de meu grato dever [?], manifesto a V.Ex^a meu sincero reconhecimento e a adhesao do Augusto Monarcha. Deos Guarde V.Ex^a. Fazenda de Sta. Theotonia em Uruguay. 30 de Agosto e 1858. [Assina Antônio de Souza Netto]¹²

Como se pode ver, a data em que ele encaminha a Carta em qual aceita o posto de Brigadeiro do Exército é cinco anos posterior a Guerra contra Oribe e Rosas. Nota-se também que assina de sua estância no Uruguai e não no Brasil. A partir disso devemos observar as seguintes questões: A elevação ao posto de Brigadeiro pode ser um reflexo da sua atuação política no Uruguai? Acreditamos que sim, como também expõe Guazzelli (2009), Neto e diversos chefes militares passam a ter constantes conflitos com os *Blancos* de Oribe, que ocupavam a campanha e mantinham Montevideu sob cerco com o apoio político de Rosas. Assim, esses chefes militares brasileiros, residentes no Uruguai, alegavam abusos por parte dos *Blancos* de Oribe. Neto comandava ataques em guerrilha contra as tropas dos *Blancos*

¹² AHRGS – Fundo Autoridades Militares. Transcrição nossa.

enquanto outros líderes como Francisco Pedro de Abreu (o Chico Pedro, Moringue ou Barão do Jacuí) comandavam ataques e saques desde a fronteira¹³.

Outra questão é que o Império necessitava de lideranças militares para resguardar esta parte de seus domínios desde antes de 1835 e, naquela época, ser uma liderança militar estava diretamente ligado a ser uma liderança política, social e também econômica. Além, de como tem apontado estudos recentes de Ribeiro (2012), as guerras eram uma forma de ascensão, política e social, muito significativas neste período.

Quais foram as atividades de Neto no Uruguai a favor do Império? Dentre tantas, uma bastante significativa, que também nos fala Guazzelli (2009), é a manutenção do poder imperial nessa região. Ao tratar da questão de Oribe e Rosas, e mais tarde, dos conflitos que levaram à guerra do Paraguai esse autor não nos possibilita dúvidas: o Império intercede em favor dos Riograndenses tanto em defesa dos estancieiros radicados no Uruguai, quanto em defesa da manutenção da ordem, uma vez que Neto poderia liderar novamente uma revolta que separaria a província do Império.

A importância político militar de Neto parece ter destaque no período, e Ana Luiza Setti Reckziegel (2011) afirma: em 1863, Neto vai até o Rio de Janeiro interceder pelos estancieiros brasileiros radicados no Uruguai. Vale observar que o Barão do Jacuí, que fora braço direito, na Farroupilha, do então Barão de Caxias, também estava envolvido nos conflitos e, mesmo assim, o negociador junto a Corte Imperial foi o republicano Neto, que em 1836 havia separado a província do Império, e não o ajudante do pacificador da província. Em partes Ribeiro (2012) responde essa nossa questão ao afirmar que o Barão do Jacuí havia perdido prestígio na Corte Imperial em função de seus sucessivos ataques aos *Blancos*. No entanto Neto também agia em guerrilhas contra os *Blancos* e também trazia problemas para o Império, além de já ter em seu “currículo” a proclamação da República Riograndense em 1836 e, ao que tudo indica, a não aceitação dos termos do Tratado de Paz firmado em 1845 por Canabarro e a minoria.

¹³José Iran Ribeiro (2012) faz uma análise que se aproxima um pouco do que também buscamos em nossa pesquisa, focando-se no personagem do Barão de Jacuí, comandante militar que luta em favor do Império na Farroupilha e que recebe o título nobiliário no final da guerra. O texto que citamos foi retirado dos Anais da III Reunião do Comitê Acadêmico História, Região e Fronteira da Associação de Universidades do Grupo Montevideu, realizado em 2012 na Universidade Federal de Santa Maria – RS – Brasil.

Essa documentação colabora para que possamos traçar o perfil político militar do Farroupilha Antônio de Souza Neto após a Revolução. Ele teve seu papel na guerra do Paraguai e esteve sempre vinculado ao círculo de poder, à Elite governante que fazia parte. Mesmo tendo se rebelado contra o Império não perdeu seu status e sua importância em virtude de seus conhecimentos com as práticas de guerra na fronteira, lutou e defendeu o Império mesmo possuindo, ao que tudo indica, ideais republicanos, o que não significava incoerência, pois como foi bem apontado por Padoin (1999), as ideias de república e federalismo não estavam consolidadas como na atualidade, os farroupilhas conheciam essas teorias e haviam disputas internas na própria elite farroupilha sobre essas mesmas ideias.

Esse personagem foi um importante militar do contexto fronteiriço platino, atuando ativamente contra o Império do Brasil na Revolução Farroupilha. Possuía terras no Uruguai e participou dos conflitos contra Oribe e Rosas (1851-1852) e na Guerra do Paraguai (1864-1870), porém dessa vez ao lado do Império do Brasil. Essa aparente contradição nos chama atenção, ainda mais quando nos deparamos com o fato de que ele foi elevado ao posto de Brigadeiro do Imperial Exército Brasileiro em 1858.

No entanto, nenhum trabalho historiográfico se preocupou em problematizar essa possível contradição, muito menos vincular as atuações de Antônio de Souza Neto ao espaço fronteiriço platino. Acreditamos que essa vinculação existe e necessita ser estudada de forma mais aprofundada. Nesse sentido, existe a perspectiva da continuidade do trabalho, através de um projeto de mestrado vinculado ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria, para que possamos aprofundar o estudo sobre a trajetória político-militar desse personagem.

Através do trabalho realizado, foi possível perceber como a temática da Revolução Farroupilha ainda necessita ser abordada a partir de novos pontos de análise. Acreditamos que o aprofundamento do estudo nesses personagens (e em outros) seja fundamental para compreendermos o contexto da Região Fronteiriça Platina bem como o contexto do Império Brasileiro.

A opção por analisar os indivíduos, ou em outras palavras, propor a realização da biografia dos personagens, foi construída a partir do entendimento da renovação que o gênero biográfico vem experimentando na história, vinculado à história política. Como Imízcoz

(2004), acreditamos que a construção biográfica, nos novos moldes pensados a partir da renovação do gênero, mostra muito além da simples história individual, pois o homem é sujeito de sua própria história que é ao mesmo tempo política, cultural e econômica, e a maneira mais fácil de se estudar uma história que se propõe globalizante, e através do estudo das novas biografias.

Muito além de uma produção que visa o factual, curiosístico ou os pequenos detalhes da vida privada de um personagem, acreditamos que este estudo não deva ser o único objetivo final, mas sim um ponto de partida de análise da época e das relações vivenciadas e possibilitadas neste contexto, em que Antônio de Souza Neto, David Canabarro e José Mariano de Matos estão inseridos.

Conclusões

Ao priorizarmos a história da Revolução Farroupilha por meio da valorização da história das lideranças desse movimento e o seu percurso político após o fim da Guerra, pudemos perceber, que durante muito tempo não foi uma preocupação dos historiadores realizar esse exercício de problematização sobre os personagens, que fizeram parte do movimento armado, especialmente após 1845. Essa talvez seja, acreditamos, uma das mais relevantes perspectivas para novos estudos. Estudos esses que vem sendo realizados, como por exemplo, por Marques (2010), Paniagua (2012) e Padoin (2010) que buscam se aprofundar, revisar e descobrir novas e importantes dinâmicas históricas referentes à Revolução Farroupilha e a relação com o período posterior.

Também é possível constatar a necessidade de vincular os movimentos armados e os conflitos na Bacia do Prata, com os projetos políticos das elites regionais que, como nos mostra Padoin (1999), possuíam visões distintas sobre questões como república e federalismo que acabavam balizando projetos políticos diferentes e por vezes conflitantes.

No caso de David Canabarro, parece que sua influência política acabou sendo potencializada com a Revolução Farroupilha. Quando iniciou o movimento, em 1835, Canabarro não tinha nenhum posto de comando, embora já fosse um militar da fronteira. No final da Guerra, após negociar o tratado de paz, foi incorporado ao Exército Imperial e assumiu o Comando da Fronteira, apropriando-se de um poder político que manteve até o

final de sua vida. É evidente que sua atuação na luta contra o Império e seu esforço em estabelecer uma “paz honrosa” foi determinante para que ele construísse vínculos políticos e militares que o manteriam no poder.

Já Antônio de Souza Neto era comandante de um destacamento da Guarda Nacional quando a Farroupilha iniciou. Participou ativamente do movimento e proclamou a Independência da República Riograndense. Com o fim da Revolução Farroupilha em 1845, não se vinculou ao exército diretamente. Preferiu se retirar para sua estância no Uruguai e cuidar dos seus negócios. Entretanto lutou ao lado do Império nos principais conflitos posteriores: A guerra contra Oribe e Rosas e a Guerra do Paraguai. Conflitos que inclusive beneficiavam os seus interesses como estancieiro brasileiro radicado no Uruguai. Ao que tudo indica seu poder e influência não diminuíram após o conflito com o Império, mesmo que ele não tenha se mantido vinculado à defesa da fronteira de forma direta.

Acreditamos que o estudo aprofundado desses personagens (e de outros tantos que não citamos), com trajetórias tão distintas e ao mesmo tempo aparentemente conflituosas no que diz respeito a suas posições em relação ao Império do Brasil, são de grande relevância para o conhecimento histórico sobre o Brasil e a região platina no século XIX.

O fato de estarem envolvidos nos conflitos posteriores, a favor do Império, demonstra uma preocupação mútua não apenas de defesa do interesse pessoal, mas também de um interesse coletivo uma vez que a manutenção de seu “status” de poder político e militar garantia que o Império atendesse as demandas pessoais e coletivas, em uma sociedade que dependia das relações sociais.

Identificar os diferentes mecanismos que garantiram que esses personagens pudessem seguir tendo relevância no contexto político e militar de um Império contra o qual haviam lutado é um trabalho necessário.

Referências

FERTIG, André. **Clientelismo Político em Tempo Belicosos: a Guarda Nacional de São Pedro do Rio Grande do Sul na defesa do Império do Brasil (1950-1873)**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2010.

GOLIN, Tau. **A fronteira**. Porto Alegre: L&PM, 2004. v.2.

IMÍZCOZ, José María. Actores, redes, procesos: Reflexiones para una historia más global. In: **Revista da Faculdade de Letras**. Porto, v.5, 2004, p. 115-140.

LAYTANO, DANTE. **A História da República Rio-Grandense**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 1983.

MARQUES, **Leticia Rosa**. **Entre soldados e Ministros: a participação de negros e mulatos na Revolução Farroupilha (1835-1845)**. 2010. Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação em História) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2010. Orientação: Maria Medianeira Padoin.

PADOIN, Maria Medianeira. **Federalismo Gaúcho: Fronteira Platina, Direito e Revolução**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

_____. **O federalismo no espaço fronteiriço platino. A Revolução Farroupilha (1835-45)**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação de História da UFRGS. Porto Alegre, 1999.

_____. **História da América Platina e os processos de construção e consolidação dos estados nacionais do século XIX e início do século XX**. Projeto de Pesquisa vinculado ao Departamento de História da UFSM. Santa Maria, 2010.

PANIAGUA, Edson Romario Monteiro. **A construção da ordem fronteiriça: grupos de poder e estratégias eleitorais na campanha sul-rio-grandense (1852-1867)**. Tese de doutorado. Programa de Pós-Graduação em História da UNISINOS. São Leopoldo, 2012.

REICHARDT, H. Canabarro. **David Canabarro (estudo biográfico)**. Edição centenario Farroupilha nº4. Porto Alegre: Papelaria Velho, 1934.

RECKZIEGEL, Ana Luiza Setti. Dos tratados de 1851 à invasão de 1863: Conexões Brasileiras no Estado Uruguaio. In: **Anais do 1º Congresso Internacional de História Regional**. Passo Fundo: UPF, 2011.

REUNIÃO DO COMITÊ ACADÊMICO HISTÓRIA, REGIÃO E FRONTEIRA DA ASSOCIAÇÃO DE UNIVERSIDADES DO GRUPO MONTEVIDÉU, 3., 2012, Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2012. 900 p.

ROSA, Othelo. **Vultos da Epopeia Farroupilha**. Porto Alegre: Globo, 1935.

SPALDING, Walter. **A Revolução Farroupilha**. São Paulo: Cia Editora Nacional/UNB, 1982.

VARGAS, Jonas Moreira. **Entre a Paróquia e a Corte: uma análise da elite política do Rio Grande do Sul (1868 – 1889)**. 2007. 276f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.

FONTES DOCUMENTAIS

ARCHIVO GENERAL DE LA NACIÓN. **Caja 42**. Montevidéo, Uruguai.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Anais**, Coleção Varela, vol. 12, Porto Alegre, 1998.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Anais**, Coleção Varela, vol. 13, Porto Alegre, 2004.

ARQUIVO HISTÓRICO DO RIO GRANDE DO SUL. **Fundo Autoridades Militares**, 1838 – 1866. Porto Alegre/RS

ARQUIVO NACIONAL. **Processos dos farrapos**. Rio de Janeiro/RJ